

Encontro imprevisto: Badiou e Manoel de Barros

Unexpected encounter: Badiou and Manoel de Barros

Ieda Tucherman¹

Resumo:

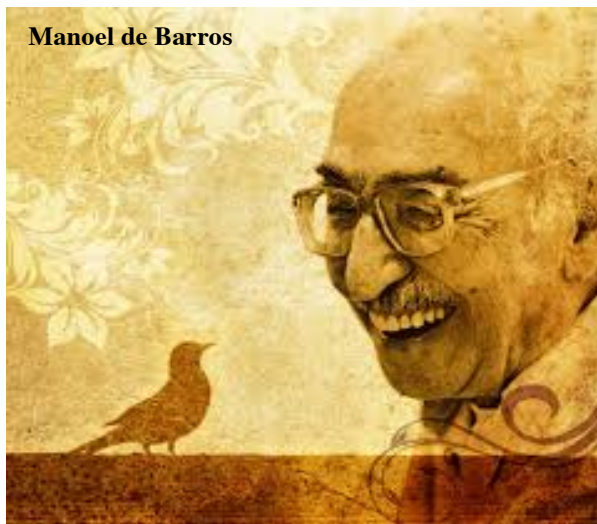
Quando tudo começou, a presença de Alain Badiou neste Colóquio era esperada. Quando chegou a notícia de que ele não viria, resolvemos eu e meu personagem imaginário para este texto, o poeta pantaneiro Manoel de Barros, escrever sobre a sua ausência. E aí... sobre o que não há, pouco se pode dizer o que torna difícil e sem estilo um resumo.

Palavras-chave: Manoel de Barros; Alain Badiou; Pessoa; Alberto Caeiro.

Abstract:

When it all began, Badiou's presence in this Colloquium was unexpected. When I heard the news that he wasn't coming, me and my imaginary friend for this writing – the *pantaneiro* (1) poet Manoel de Barros – decided to write about Badiou's absence. And then... about what is not there, little can be said of what makes an abstract difficult and without fashion.

Keywords: Manoel de Barros; Alain Badiou; Pessoa; Alberto Caeiro.



Manoel de Barros

Tudo indica que Manoel de Barros, o poeta do Pantanal, antecipou a ausência de Alain Badiou, o famoso filósofo francês nascido no Marrocos, neste improvável e desejado encontro. “Distâncias somavam a gente para menos” (BARROS, 2012, p. 9), disse-nos ele, desde sempre descrente, ressabiado.

Na impossibilidade da co-presença e curioso sobre o que poderia ter surgido se tal encontro tivesse acontecido, Barros diminuiu o desacontecimento escolhendo-me como mediadora ou pombo-correio, figura mais de acordo com seu jeito de viver tal como ele o descreve: “*tal fusão com a natureza tirava de mim a liberdade de pensar (...)*. Então comecei a fazer desenhos verbais de imagens. Me dei bem”. É assim que ele

¹ Doutora em Comunicação pela UFRJ; Professora do Programa de Pesquisa e Pós Graduação da Eco-UFRJ. E-mail: iedatucherman@gmail.com

prática criar “os impossíveis verossímeis do mestre Aristóteles” (BARROS, 2012, p. 09). Logo eu que tenho medo de voar e de deixar cair as poesias e as reflexões no caminho.



Manoel de Barros pede que eu comece transmitindo o que aparece na mesma *Entrada* da sua **Poesia Completa**, dizendo que esta era a sua declaração de fé, a afirmação mais importante e a primeira que Alain Badiou deveria ouvir quando eu pousasse no seu entorno: “*Poesia é a infância da língua. Sei que meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Sobre o nada eu tenho profundidades*”.

Estando eu na posição de voo para a qual ele tinha me designado, e temendo a gravidade e o erro de rota, achei por bem aproximá-los, somando para mais, este seu escrever-viver com o viver-pensar do filósofo. Assim convidei para o desencontro certas afinidades eletivas que comparecem em Manoel de Barros contando com sua ajuda na elaboração do plano de voo e na criação de certa familiaridade na mensagem a ser transmitida.

Declaradamente Manoel de Barros tem três fortes presenças na sua genealogia: a primeira é Guimarães Rosa e seu incrível estilo de inventar um dialeto roseano, uma língua elaborada na torção da linguagem

regional (“*O senhor ache. O senhor pense. O senhor ponha enredo*”). A epígrafe do seu *Compêndio para uso dos pássaros*, tem um texto de João Guimarães Rosa, onde podemos ler: “*Sabiá na muda: ele escurece o gorjeio... pássaro no mato em toda parte anda torto-por causa de acostumado com as grades das árvores*”.

A segunda se refere a Oswald de Andrade e todo o movimento modernista de 22 que ele tangenciou e cruzou e que aparece na “*brasilidade*” da sua obra, inspirada também pelos pintores do movimento. A mim parece que o *Abapuru* da Tarsila do Amaral é bem próximo dos homens de Barros.

A terceira, mais significativa talvez, é a presença de Alberto Caeiro, o heterônimo de Fernando Pessoa, que Badiou celebra como sendo, a seu ver, provavelmente o maior poeta do século XX. O projeto de Caeiro, avesso à Metafísica até a raiz dos cabelos é bastante próximo ao de Manoel de Barros e esta semelhança-contiguidade, figura contestada e discutida pelos saberes ditos sérios, seria facilmente perceptível pelo nosso ausente filósofo. Depois, como diz o poeta, “*quem não tem ferramenta de pensar, inventa*” (BARROS, 2010, p. 401). Era o meu caso, chegando pelas bordas conhecidas.

Selecionei como exemplos, e muito arbitrariamente, alguns extratos dos dois poetas, não sem uma grande dificuldade: falar de uns e deixar outros belíssimos de fora era e é uma heresia estética,

mas... o tempo de Badiou é precioso e o espaço de concedido para o artigo e sua comunicação também. O objetivo era mostrar as afinidades e, no caso de Badiou, para bom entendedor, pouco texto basta.

Por Alberto Caeiro: “*Poesia: uma forma de aligeirar o mundo do peso das palavras que vestimos*” ou “*Exige-se um estudo profundo/ uma aprendizagem de desaprender*” (PESSOA, 1972).

Por Manoel de Barros: “*Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.*” Ou “*atrás da voz dos poetas moram crianças, bêbados, psicóticos*” (dito numa entrevista) e, finalmente “*No começo era o verbo/ só depois veio o delírio do verbo*” (BARROS, 2010).

O desejo do poeta, portanto, é ser criança, mudar a função das palavras, enlouquecer a língua (e neste item Barros é praticante permanente, espécie de sócio atleta), tirar a língua da lógica. A diferença, entretanto, é que a criança brinca de variar para dar consistência imaginária ao eu (*moi*), foi assim que me ensinaram, enquanto Pessoa e Barros apontam para um devir criança; Pessoa pelo experimentar da multiplicação na sua heteronímia, Barros pelo movimento de coisificação do mundo.

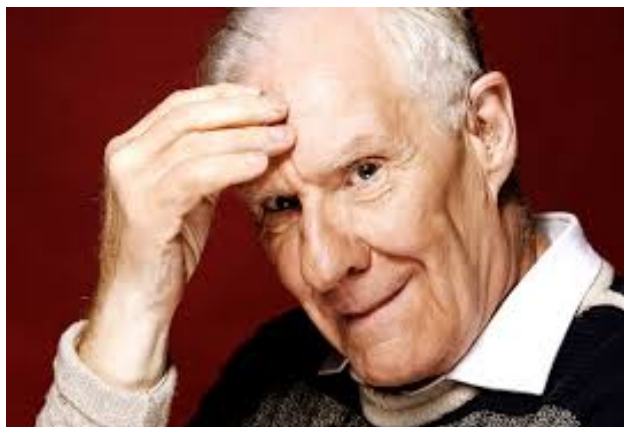
Afinal há nele, um adulto lido e estudado que Manoel de Barros é e que aparece quando ele se distrai de ser poeta. Ele sabe que o fascismo da língua não é o que ela impede de dizer. Mas, ao contrário, o que ela obriga a dizer. Pois, a vida é sutil e a língua é grosseira. As literaturas, particularmente a poesia, nascem para corrigir esta deformação. Como se vê ele não estranha Barthes ou Jacobson, mas, sinceramente, tem mais gosto pelos silêncios dos rios.

Nosso Manoel de Barros faz parte de uma configuração (aí! Roubei o conceito de Badiou!) que exige a singularidade absoluta da arte (mas não lhe empresta qualquer “aura”), no entanto, também se dedica a destruir de forma contundente e ruidosa (muitas vezes com declarados manifestos), todo e qualquer caráter pragmático desta arte-singularidade.

O que estes artistas buscam é a geração de um estado estético (também existencial) que seja pura suspensão. Este é um momento raro e precioso nas artes como um todo, em que a forma configura a experiência em si e por si mesma. Faz parte deste conjunto de convicções a necessidade de um salto ágil e elástico para fora e longe da mimesis; assim, ao contrário de valorizar semelhança ou mesmo dessemelhança, o intuito é explodir os limites onde esta se dá. Um exemplo simples: “*um girassol se apropriou de Deus. Foi em Van Gogh*” (BARROS, 1993, p. 17).

Esta suspensão é a possibilidade de se distinguir da opinião, de se afastar do senso comum e do consenso, de impedir a interpretose que adoece o mundo construindo seu sintomático jogo de significados. Também é resistência contra o modelo de julgamento com sua viciada tendência binária de repartir o mundo e as pessoas entre vítima e carrasco, bom e mau, verdade e erro, causa e consequência. Sendo assim prodigiosa, a suspensão permite ao pensamento não ser reconhecimento, mas sim abertura, disponibilidade para o mistério, condição de fazer surgir na língua uma presença anteriormente impossível.

Até porque, “*desacostumar as palavras*” é também “*desacostumar as coisas*”, livrando-as da sua utilidade, como se vê:



Alain Badiou

Desinventar objetos. O pente, por exemplo,
 Dar ao pente funções de não pentear. Até que
 ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha

Usar algumas palavras que ainda não tem idioma (BARROS, 1993, p. 17)

Sem funções, o pente é aí tudo e nada, assim como são as palavras que não tem idioma. Inclassificáveis. Surge daí o homem que anuncia o livro: “Dos pedaços de mim surge um ser atônito.”

Os títulos escolhidos por Manoel de Barros, por si mesmos, definem a sua esfera. *Memórias inventadas; O Livro das ignorâncias, Gramática expositiva do chão, Compêndio para uso dos pássaros, O Livro sobre o Nada, Arranjos para assovio, Retratos do artista quando coisa*, e muitos outros. Em todos eles, como seu personagem Apuleio, o canoero, o poeta “*voou para fora da asa*” porque a palavra tem “*deslimites*”.

Apesar disto, ou quem sabe por isto mesmo, fazendo da natureza a matéria prima (e não o cenário da poesia) utilizando delicadezas para as coisas e os bichos menos importantes da natureza, sapos, formigas, lesmas, Barros não se põe como um ecologista que considera os homens predadores-pecadores. Ele parece acreditar que coisificando-se, tornando-se árvore, vegetalizando-se fica mais perto deste princípio (quando o verbo ainda não delirava) anterior à vocação linguística da representação.

O seu Eu é um Outro, como o de Rimbaud, ou é vários outros numa operação em que multiplicam-se os seres e subtraem-se suas “humanidades”. Coincide com o de Lacan, para quem o eu (*moi*) é uma construção imaginária, uma vez que existe necessariamente uma impossibilidade de conhecimento que faz com que a crueza do real só possa aparecer e operar, em ficções, máscaras, montagens. Talvez esta possa ser uma afinidade entre Manoel de Barros e Jacques Lacan, influência declarada de Badiou. Teria a ver com certa similitude de pensamento e intenção: para Lacan a palavra “*inconsciente*” designa que o real de um sujeito não é conscientemente acessível, a não ser através destas operações imaginárias que constroem o eu (*moi*).

Ora, o encontro falhado era com Badiou, que apresenta a diferença entre filosofia e psicanálise a partir do manejo de questões ontológicas: o que é a verdade? Como a verdade toca o sujeito? Para a filosofia, como para a psicanálise, o pensamento vive separado do real. Nem acesso direto nem relação de conhecimento são possíveis com e pelo real. Entre ambos (real e conhecimento) há um abismo, uma separação radical, um vazio. Nesta enunciação veríamos que Badiou distingue a filosofia da psicanálise, vendo na primeira o vazio do ser, enquanto para Lacan o vazio está no sujeito. E é bom lembrar que nem para uma nem para outro o vazio é da consciência.

Ambas estariam imobilizadas se não houvesse um complemento para este vazio. Na Psicanálise valeria o axioma: “*sobre aquilo que não pode ser demonstrado, alguma coisa, no entanto, pode ser dita de verdadeiro*”. Para a filosofia, o que a mantém é este amor à verdade que ela acolhe, como alcoviteira (o termo delicioso é do próprio Badiou), naqueles campos onde a verdade pode germinar: no poema, na ciência, na política e no amor. Assumir este amor à verdade seria um passo ético: obriga a uma fidelidade ao que nos ultrapassa (esta verdade). Esta é a promessa (ou ameaça) em que se constitui o convite que Nietzsche (sempre ele) anuncia no seu *Ecce Homo*: “*Torna-te o que tu és*”. Seja aquilo que tu és na máxima intensidade.

Este campo da verdade que é o poema, e verdade tem a ver com acontecimento, Badiou o apresenta como um pensamento impensável. Sua relação com a verdade acontece porque o poema é

parente do não ser: não é uma descrição nem uma expressão, assim como não é uma pintura sensível do mundo. A rigor é um acontecimento que mostra que o mundo não é uma coleção de objetos, muito pelo contrário. Este materialismo poético que ele encontra em Caeiro (e nós vemos também em Barros) é um poetizar o imediato vindo da própria coisa, sem passar pelos protocolos da apreensão cognitiva (BADIOU, 1999).

Neste finalzinho de voo, trocando estas ideias de Badiou com nosso poeta, ficamos matutando, em silêncio grave e aí ele me disse:

acho que foi deste vazio ou desta falta de ser que acoisa os saberes e que chamamos de nada, dizendo como Heidegger que do nada, nada se pode dizer, que escrevi meu Livro sobre o nada. Foi por isto que eu avisei que nada é nada mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, o parafuso de veludo etc. O nada mesmo. Fazer coisas desúteis. Tudo o que use o abandono por dentro e por fora (BARROS, 1993, p. 7).

Notas:

(1) Refers to the traditional inhabitant of Pantanal.

Referências Bibliográficas

- BADIOU, ALAIN (1994). *Para uma nova teoria do sujeito*. Rio de Janeiro: Dumará.
- _____ (1999). *Meditações Filosóficas volume II, Pequeno manual de inestética*. Lisboa: Instituto Piaget.
- _____ (2007). *O século*. São Paulo: Ed Ideias e Letras
- BADIOU, ALAIN, TARBY, FABIEN (2010). *La philosophie et l'événement*. Paris: Germina.
- BARTHES, ROLAND (1979). *Aula*. São Paulo: Cultrix.
- BARROS, MANOEL (2010). *Poesia Completa*. São Paulo: Leya.
- _____ (1994). *O livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- PESSOA, FERNANDO (1992). *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar Editora

Recebido em: 27/07/2013

Aprovado em: 22/10/2013